

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS**

Maria Clara de Oliveira Aquino

ALBERT CAMUS E O ABSURDO: A BUSCA POR SENTIDO EM UM MUNDO SEM SENTIDO

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Jonas Roos

**Juiz de Fora
2024**

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, Maria Clara de Oliveira Aquino, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 202272100A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado Albert Camus e o Absurdo: A Busca por Sentido em um Mundo sem Sentido, desenvolvido durante o período de 13 de março de 2024 a 26 de setembro de 2024 sob a orientação de Jonas Roos, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

Maria Clara de Oliveira Aquino

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e assinada pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

ALBERT CAMUS E O ABSURDO: A BUSCA PELO SENTIDO EM UM MUNDO SEM SENTIDO

Maria Clara de Oliveira Aquino¹

RESUMO

Este trabalho investiga o conceito de Absurdo na filosofia de Albert Camus, abordando o problema da falta de sentido na existência humana. Camus propõe que o homem, ao se deparar com a ausência de propósito no universo, enfrenta a questão existencial do suicídio. Diante desse dilema, o objetivo deste estudo é analisar as alternativas propostas por Camus, particularmente a aceitação do Absurdo e a consequente escolha pela revolta, ao invés da negação da vida.

O método utilizado consiste na análise interpretativa da obra "O Mito de Sísifo", onde Camus discorre sobre o suicídio filosófico e a possibilidade de viver plenamente, mesmo sem um sentido intrínseco na vida. A pesquisa examina a relação entre a compreensão do Absurdo e a construção de uma existência autêntica. Os resultados esperados incluem a defesa da ideia camusiana de que, ao reconhecer o Absurdo, o indivíduo pode escolher a revolta como resposta. Essa revolta não busca sentido absoluto, mas afirma a liberdade e a capacidade de viver intensamente no presente, apesar da indiferença do universo. Assim, o estudo sugere que a aceitação do Absurdo pode levar a uma vida consciente e significativa, mesmo sem respostas definitivas sobre o propósito da existência.

PALAVRAS-CHAVE: Absurdo. Suicídio. Liberdade. Sentido.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como finalidade explorar a filosofia do Absurdo de Albert Camus, em sua obra "O Mito de Sísifo", e como suas reflexões se aplicam ao "homem cotidiano" preso à rotina. O estudo realiza uma revisão de literatura para compreender o conceito de absurdo e suas implicações nas escolhas existenciais, como o suicídio e a revolta, conforme proposto por Camus. O objetivo é analisar a relação entre o homem e o universo, mostrando como a tomada de consciência do absurdo gera angústia e questionamentos sobre o sentido da vida.

Justifica-se a relevância deste estudo pela atualidade das reflexões de Camus, que continuam a oferecer uma lente crítica para analisar o comportamento humano diante da falta de sentido e harmonia no mundo. A obra de Camus, marcada pela busca de respostas em um mundo que permanece em silêncio, é fundamental para discussões existencialistas que ainda reverberam no campo da filosofia.

A metodologia empregada envolve a análise de textos primários e secundários, com foco nas interpretações filosóficas do absurdo, bem como nas respostas que o homem pode adotar frente à sua descoberta. As hipóteses exploradas neste trabalho consideram a impossibilidade de encontrar sentido pleno na vida e o impacto que essa percepção tem sobre as escolhas humanas. O trabalho está organizado em três partes: a primeira examina o conceito de absurdo no contexto da rotina e da vida cotidiana; a segunda explora o suicídio filosófico e suas implicações; e a terceira aborda a revolta como uma forma de liberdade e resposta ao absurdo.

¹ Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, aquino.maria@estudante.ufjf. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Jonas Roos.

1 - O Homem Cotidiano

Albert Camus, em seu ensaio sobre o Absurdo fala sobre suas experiências e apresenta o homem real, o homem que possui razão e sensibilidade: “É da vida que ele extrai suas verdades, ele não nega o conhecimento sensível” (PIMENTA, 2010, p.16). O autor entende que há felicidade no mundo antes da percepção do absurdo, em um lugar onde o homem e universo estão em harmonia, desfrutando juntos do que ambos podem oferecer. Na rotina, encontramos felicidade nada pequenas coisas.

Vivemos em um ciclo diário de ações automáticas – acordar, comer, trabalhar, voltar para casa – sem nos questionar se essa forma de vida está certa. “Viver é um hábito” (PIMENTA, 2010, p. 17), e continuamos em nossa rotina, presos a hábitos que não nos permitem refletir sobre questões fundamentais da vida e nossa verdadeira relação com o mundo. Sem tempo para ponderar, aceitamos uma realidade superficial e achamos que somos felizes:

Acordar, bonde, quatro horas no escritório ou na fábrica, almoço, bonde, quatro horas de trabalho, jantar, sono, e segunda, terça, quarta, quinta, sexta e sábado no mesmo ritmo. Um percurso que transcorre a maior parte do tempo sem problemas (CAMUS, 2022, p. 33)

Assim, o homem cotidiano permanece no “sono do coração”, como diz Camus, um estado que o mantém alheio à realidade. A rotina impede o encontro com o Absurdo, trazendo uma falsa sensação de paz, onde tudo parece ótimo. Apesar da distância entre o mundo e nós, tentamos humanizá-lo com nossas tarefas, como se o entendêssemos. No entanto, em um momento inesperado, seja ao ir para o trabalho ou arrumando a cama, uma janela se abre, permitindo que o sentimento do absurdo entre em nossa consciência. “Numa esquina qualquer, o sentimento do absurdo pode bater o rosto de um homem qualquer” (CAMUS, 1965b, p. 105). Nesse momento, o homem se dá conta de que não pode mais se contentar com o que tinha antes; isso não será suficiente.

Ao buscar respostas, percebe que elas só podem ser respondidas pelo universo. No entanto, ao tentar se aproximar, encontra apenas silêncio. Diante desse vasto silêncio, a angústia se instala, abrindo caminho para o absurdo. Mesmo que esse sentimento seja desconfortável, ele nos ajuda a abrir a janela do absurdo, permitindo que comecemos a compreender o mundo com maior honestidade. O que antes nos parecia interessante e nos trazia felicidade se torna monótono e estranho, e saímos da vida rotineira que não satisfaz nossos desejos mais profundos.

Quando essa percepção surge e o piloto automático é desligado, o mundo se apresenta de forma nova e estranha. Um mal-estar começa a se formar nos nossos pensamentos, e a consciência é despertada, revelando que a harmonia que acreditávamos existir entre nós e o mundo era ilusória. A felicidade que dela derivava também era falsa. Ao reconhecer esse mal-estar, o homem enfrenta uma experiência existencial que o leva a questionar se há sentido em continuar a viver, “Num universo repentinamente privado de ilusões ou de luzes [...] o homem se sente um estrangeiro.” (CAMUS, 2022, p.22). Envoltos pelo absurdo, o homem se vê fragilizado diante da vastidão do universo, sentindo-se como um estrangeiro em um mundo que antes lhe parecia conhecido. Tudo o que sabia se revela uma ilusão, uma lente que obscurecia a realidade, “A racionalidade, ao encontrar os seus limites, encontra o absurdo.” (SAMPAIO, 2020, p.104)

Esse estranhamento não é apenas em relação ao mundo, mas também a nós mesmos. O que antes considerávamos verdadeiro se torna suspeito. Construímos identidades, vidas e memórias em um mundo que agora não reconhecemos. Fomos induzidos a acreditar que tudo ao nosso redor sempre foi assim, e ninguém é ensinado a questionar ou buscar respostas.

Assim, Camus afirma:

O absurdo depende tanto do homem quanto do mundo. É, no momento, o único laço entre os dois. Cola-os um ao outro como só o ódio pode fundir os seres. É tudo o que posso discernir nesse universo sem limites (CAMUS, 2022, p. 44).

O filósofo não deseja definir o que é o absurdo em termos filosóficos rígidos, mas sim mostrar os sentimentos que nele estão presentes e que levam o homem à reflexão. Ele nos revela que, ao tomar consciência

do mundo, novos sentimentos emergem, e é necessário compreendê-los. A partir desse ponto, dois caminhos se abrem: o do suicídio e o da revolta, e será preciso escolher um deles. O Absurdo é apenas o ponto de partida, a partir do qual surgem diversas outras percepções, incluindo a consciência da morte. O que antes fazia sentido perde o significado diante da morte, tornando essencial a compreensão do seu lugar em nossas vidas. Como o absurdo surge com o choque entre o homem e o mundo, ele não poderá existir sem os dois. Ao escolher a morte, o homem encerra sua história, mas essa solução é rápida demais; não se pode eliminar o absurdo tão facilmente.

Aqui, entra a distinção entre a noção do absurdo e o sentimento do absurdo. A noção do absurdo nos permite perceber os sentimentos que ela traz, como diz:

O sentimento do absurdo não é, portanto, a noção do absurdo. Ele a funda, simplesmente. Não se resume a ela, exceto no instante em que aponta seu juízo em direção ao universo. Depois só lhe resta ir mais longe. Está vivo, o que significa que deve morrer ou repercutir mais adiante, assim como os temas que reunimos. (CAMUS, 2022. p.56)

O homem, ao tomar consciência do absurdo e se deparar com um céu escuro, onde a angústia prevalece e não há respostas, precisa escolher entre dois caminhos: o do pessimismo, onde a morte se torna o fim através do suicídio, ou continuar buscando formas de entendimento e de vida.

A percepção do absurdo não anula a rotina, mas transforma a relação do homem com ela. Ele reconhece que sua vida é composta de hábitos que, até então, o mantinham afastado da realidade mais profunda da existência. Agora, ele deve encontrar uma maneira de continuar mesmo sabendo que o universo é indiferente. A revolta torna-se a única resposta plausível; viver conscientemente, com plena aceitação da falta de sentido, e encontrar uma maneira de criar valor no presente, sem ilusões sobre o futuro ou a eternidade.

2 - O suicídio filosófico

Como vimos, o absurdo é a primeira fase. Após escapar das amarras da vida rotineira, novos pensamentos começam a surgir. “Começar a pensar é começar a ser atormentado” (CAMUS, 2022, p. 20), e a pergunta mais pertinente é: realmente vale a pena viver? No início de seu livro, Camus afirma que é preciso saber se a vida vale a pena ser vivida: “Só existe um problema filosófico realmente sério: o suicídio. Julgar se a vida vale ou não a pena ser vivida é responder à pergunta fundamental da filosofia” (CAMUS, 2022, p. 18). Durante o livro, ele busca essa resposta. O suicídio é algo que nos acompanha desde sempre, e é possível perceber que um homem pode escolher esse caminho apenas por acreditar que nunca encontrará um sentido para a vida. Por outro lado, há aqueles que optam por esse caminho por acreditarem que encontram um sentido que já basta, mesmo que essa descoberta seja uma ilusão ou uma falsa esperança.

A angústia que leva ao absurdo será a mesma em ambos os casos. No entanto, o homem que decide permanecer, mesmo sem certeza de nada, é o que Camus denomina de “O Homem Absurdo”. Como o homem, o mundo e o absurdo estão interligados, formando uma tríade, após conhecer o absurdo, não é possível esquecer essa descoberta. Portanto, é necessário ter força suficiente para se manter vivo diante dessas circunstâncias.

Viver sob este céu sufocante nos obriga a sair ou ficar. A questão é saber como se sai, no primeiro caso, e por que se fica, no segundo. Defino assim o problema do suicídio e o interesse que pode atribuir às conclusões da filosofia existencial. (CAMUS, 2010, p. 43)

Mesmo reconhecendo que, após conhecer o absurdo, estaremos sempre ligados a ele, o homem tenta encontrar uma maneira de se desvincular, sendo a “fuga metafísica” uma das opções. Nesse capítulo, Camus investiga as “fugas metafísicas” presentes em outros filósofos, como Jaspers, Kierkegaard, Chestov e Husserl que serão discutidas mais adiante. O sujeito absurdo nasce aqui; ele escolhe permanecer e não se rende ao suicídio, enxergando toda a realidade que a rotina ocultava, sentindo-se sufocado nesse novo mundo. Como diz Rafael de Castro “A distância que separa o que se realmente quer e a realidade que o espera, esse fosso, é a medida do

Absurdo” (LINS, 2015, p.48), pois é fundamental para o ser humano entender que o Absurdo existe na confrontação entre ele e o mundo.

Camus, ao buscar essas “fugas”, depara-se com as filosofias existenciais, que procuram uma saída para o absurdo que encontram. Essas saídas podem ser denominadas de “esperanças forçadas” e têm origem na religião:

Por um raciocínio singular, partindo do absurdo sobre os escombros da razão, num universo fechado e limitado ao humano, elas divinizam aquilo que as oprime e encontram uma razão para ter esperança dentro do que as desguarnece. Essa esperança forçada tem, em todos eles, uma essência religiosa. Merece que a examinemos melhor, (CAMUS, p, 33).

O homem, então, deseja continuar sua busca por respostas e, para isso, aceita uma fé religiosa, que surge como uma fuga metafísica então busca de todas as maneiras encontrar um jeito de se sentir pertencente ao mundo, mesmo que a opção mais fácil seja a dessa falsa esperança. Leon Chestov, um dos filósofos que busca respostas na religião, afirma que os humanos recorrem a Deus apenas quando já não conseguem lidar com suas dificuldades, quando não há mais o que fazer, e somente Deus seria capaz de realizar o impossível. Para Chestov, Deus é o próprio absurdo em sua plenitude, e ao constatar o absurdo, o homem acaba por aceitá-lo. Como diz Camus, “Desde o momento em que sua noção se transforma em trampolim para a eternidade, não está mais relacionada com a lucidez humana”. (CAMUS, p. 35). Para o autor, essa não é a melhor solução, pois a revolta - a oposição necessária para enfrentar o absurdo - não ocorre aqui. O equilíbrio que existia entre o homem e o mundo se perde, e sem esse equilíbrio, o choque entre os dois não acontece, impossibilitando o surgimento do absurdo. O homem permanece na rotina, sem buscar respostas ou um sentido para a vida.

Com Kierkegaard a situação não é muito diferente. O filósofo também procura pelo sentido da vida e se depara com o absurdo. Ao não encontrar respostas, ele retorna ao cristianismo, o lugar de onde havia fugido na juventude. Seu “salto” ocorre ali, encontrando na história da cruz e no abandono de Deus uma semelhança com a condição humana. Tornando-se um refúgio para uma alma corroída pelo absurdo, um alívio que, em muitos casos, pode se manifestar no suicídio, seja do corpo ou da razão.

Camus vai rejeitar totalmente o caminho do suicídio, assim como viver preso na vida cotidiana, pois matar-se é confessar, confessar que a vida não vale a pena ser vivida, mostra que deixou a vida te vencer. O Absurdo mesmo sendo o mal que leva à morte, é necessário que o homem recuse o suicídio, não escolhendo essa forma fácil e rápida de acabar com ele e essa recusa não pode ser confundida com a renúncia, assim como a falta de esperança não é o desespero. Assim a lógica absurda então chega para explicar que mesmo diante desse sofrimento, de não encontrar um sentido para viver, o homem continua aqui, sem esperança e sem depositar todas suas expectativas no futuro, não esperando que o amanhã melhore, tudo isso sem entrar em desespero, pois nada se pode fazer, somos frágeis perante o mundo. Recusando essa esperança de ter algo no futuro, nos concentramos apenas no presente e nos mantendo nele, não há nada para se preocupar em relação ao futuro, não é algo que podemos controlar, nada está ao nosso alcance. O absurdo sendo o que liga o homem e o mundo desde o momento que se estava preso na rotina e agora sendo a tensão entre os dois depois que se tem consciência, acabaria com a morte, o mundo antigo que se conhecia e o novo não existiria mais, seria o fim da nossa consciência, “Portanto, Camus recusa o suicídio não apenas pela manutenção desta tensão que há entre o homem e o mundo, mas, sobretudo, pela conscientização de uma realidade que outrora era desconhecida”. (AZEVEDO, 2017, p. 44)

O suicídio sendo um problema fundamental da filosofia existencial, é visto pelo autor não como um problema social, mas sim do próprio indivíduo e sua consciência. Não é possível determinar o exato momento em que alguém decide pelo suicídio, pois essa decisão está enraizada nos motivos pessoais, nas ambições e nas perguntas sem respostas que cada indivíduo carrega. Esses fatores podem levar uma pessoa a acreditar que o suicídio é a solução para os problemas da vida absurda, como afirma Azevedo:

Nesse sentido, a *consciência individual* torna-se, portanto, tema particular de suas preocupações n’*O Mito de Sísifo*, na medida exata em que, a consciência particular de cada indivíduo pode naturalmente

levá-lo a acreditar que o suicídio seria, sim, uma solução para a absurdidade da vida. (AZEVEDO, 2017, p.43)

Mesmo que o homem cometa o suicídio do corpo, isso não garante a libertação do espírito. Para Camus, existe algo inerente ao ser humano que nos capacita a superar as adversidades, mesmo as mais difíceis de compreender. O suicídio pode, na verdade, perpetuar o vazio que o absurdo nos impõe, pois, ao escolher esse caminho, o homem não avança, não tenta superar os desafios. O absurdo continua a assombrar a consciência, e nossos pensamentos permanecem marcados pelo que não ousamos enfrentar.

Ao perceber que o suicídio não representa uma solução válida para o dilema existencial, o homem é compelido a buscar uma maneira de continuar vivendo. Essa continuação, no entanto, não se dá pela aceitação passiva da esperança, mas sim pela sua negação consciente. Ao rejeitar a esperança, o indivíduo recusa as ilusões que o distraem do confronto com o absurdo. A revolta, então, torna-se a única resposta autêntica. Revoltar-se não significa cair em desespero, mas sim abraçar o presente, focando na realidade imediata sem se angustiar com o futuro incerto, como dito “Manter o pensamento consciente do absurdo, como vimos, não se trata de aceitar o desespero, mas, ao contrário, trata-se de não se desesperar, na medida em que aceitamos a nossa condição de absurdidade” (SAMPAIO, 2020, p. 117). Ao recusar tanto o suicídio quanto os subterfúgios do pensamento esperançoso, o homem rejeita as fugas fáceis. Essa revolta permite a continuidade do confronto essencial entre o desejo humano por sentido e o silêncio impassível do universo. Esse conflito contínuo é, paradoxalmente, o que mantém vivo o próprio absurdo, que, por sua vez, é fundamental para a existência humana autêntica dentro dessa perspectiva filosófica.

3 - Liberdade Absurda

Com grande parte das questões esclarecidas, podemos agora abordar o tema da liberdade. Camus inicia este capítulo afirmando que já possui evidências suficientes para saber o que pode e o que não pode fazer com elas. Uma dessas conclusões é a de que vive em um estado de incerteza, onde apesar da impossibilidade de obter respostas definitivas, não se pode negar o desejo humano por clareza e coesão. Como ele afirma: “Posso negar tudo desta parte de mim que vive de nostalgias incertas, menos esse desejo de unidade, esse apetite de resolver, essa exigência de clareza e de coesão”. (CAMUS, 2022, p. 88)

O ser humano, mesmo sem encontrar respostas definitivas sobre o sentido da vida, ainda se vê tomado pela necessidade de seguir vivendo. No entanto, a busca por essas respostas esbarra nos limites da nossa própria condição humana. Vivemos em um mundo onde só podemos compreender aquilo que tocamos, sentimos e experienciamos diretamente; as razões últimas para nossa existência permanecem intangíveis, fora do alcance de nossa percepção. Se fôssemos meros animais ou plantas, talvez essas questões não existiriam. Como Camus sugere, se fôssemos parte da natureza de forma integral, nossa existência seria automática, livre de questionamentos:

Se eu fosse uma árvore entre as árvores, gato entre os animais, a vida teria um sentido ou, antes, o problema não teria sentido porque eu faria parte desse mundo. Eu seria esse mundo ao qual me oponho agora com toda a minha consciência e com toda a minha exigência de familiaridade. Esta razão, tão irrisória, é a que me opõe a toda a criação. Não posso negá-la de uma penada. Por isso devo sustentar o que considero certo. Devo afirmar, mesmo contra mim, aquilo que me aparece como evidente. (CAMUS, 2022, p. 89)

Após a constatação do absurdo, o ser humano adquire uma consciência ampliada de sua incapacidade de compreender o universo em sua totalidade. Descobrir e decifrar todos os mistérios do mundo se revela impossível, uma tarefa além de nossas limitações. O absurdo reside justamente na tensão entre o desejo humano por respostas e a realidade de um universo que não fornece tais respostas. A partir dessa revolta, o homem ganha clareza sobre o que pode realmente saber: o presente, o aqui e o agora.

Ao alcançar essa percepção, ele abandona as antigas expectativas de encontrar sentido absoluto no mundo e se concentra no que é no que realmente conhece e consegue tocar e perceber no presente. Mas mesmo com essa clareza, a dúvida retorna. O homem volta a se questionar se deve continuar diante do absurdo ou se entregar à morte. No entanto, uma nova força o impulsiona: a obstinação de viver mesmo sem garantias. Nada é certo, exceto a certeza de que nada o é. O homem, então, não precisa mais seguir as regras impostas por outros, ele agora segue suas próprias convicções, mesmo diante da incerteza.

O suicídio, antes visto como uma solução para o absurdo, perde sua relevância nesse contexto. O homem percebe que o sentido da vida não depende de uma explicação racional ou transcendental. Pelo contrário, quanto menos sentido houver, maior é a liberdade de ação. Ao aceitar o absurdo, o homem também se recusa a fugir dele: “Abolir a revolta consciente é eludir o problema.” (CAMIS, 2022, p.92). A única saída coerente é permanecer na revolta, assumindo-a como sua condição essencial.

É a partir dessa revolta que a verdadeira noção de liberdade surge. O homem revoltado, ao rejeitar as ilusões de sentido e de esperança no futuro, passa a viver com uma liberdade de ação que, embora não seja ilimitada, é suficiente para dar-lhe poder sobre o presente. Ele reconhece os limites de sua existência, compreendendo que seu destino está restrito ao agora, sem promessas de eternidade ou de redenção futura. Como é afirmado na dissertação: “O destino limitado deve-se ao fato de que tanto na esperança quanto a ideia da *eternidade* não sobrevivem no homem imbuído pelo absurdo” (AZEVEDO, 2017, p. 49).

Embora essa liberdade seja vastamente ampliada, o homem revoltado deve reconhecer que ela não elimina o absurdo. O absurdo ainda está presente, residindo na tensão entre o homem e o mundo. O suicídio, portanto, continua a não ser uma solução viável. Longe de ser um próximo passo lógico após a revolta, o suicídio seria uma rendição, uma aceitação de que a vida venceu, que não houve forças para continuar lutando contra o vazio.

O homem absurdo, com sua liberdade absurda, não deve mais se submeter a autoridades externas, sejam elas deuses ou profetas. Ele agora vive apenas com aquilo que sabe, nem expectativas de redenção ou de respostas finais. Ele caminha um passo de cada vez, sem esperança no futuro e sem culpa pelo que faz com sua liberdade recém-descoberta. Não há necessidade de perdão ou de explicações:

Se eu me convencer de que esta vida tem como única face a do absurdo, se eu sentir que todo o seu equilíbrio reside na perpétua oposição entre minha revolta consciente e a obscuridade em que a vida se debate, se eu admitir que minha liberdade só tem sentido em relação ao seu destino limitado, devo então reconhecer que o que importa não é viver melhor, e sim viver mais. (CAMUS, 2022, p.100-101)

Essa liberdade absurda que Camus propõe não é uma simples rejeição de todos os valores ou uma vida de indulgência sem limites. Ao contrário, ela representa a aceitação consciente de nossa condição, sem apelo a soluções transcendentais ou a ilusões confortadoras. A liberdade do homem absurdo é vivida no presente, com uma lucidez que lhe permite discernir o que é possível e o que é impossível. Ele se mantém fiel a si mesmo, sem necessidade de buscar redenção no futuro ou em algo que transcenda sua experiência humana imediata.

Essa nova liberdade carrega, ao mesmo tempo, uma imensa responsabilidade. Como Camus sugere, sem deuses ou sistemas que determinem nossas escolhas, somos obrigados a criar nosso próprio caminho ético e existencial. No entanto, a ética do absurdo não está baseada em regras morais rígidas ou em mandamentos externos. Ela é construída a partir da relação do homem com o mundo e da sua contínua busca por autenticidade. O homem absurdamente livre deve enfrentar suas escolhas com coragem, sabendo que nenhuma delas é garantida por uma ordem superior, mas todas são legitimadas pelo simples fato de serem escolhas conscientes e refletidas. Além disso, viver mais — como Camus coloca — não é meramente sobreviver ou estender a vida a qualquer custo. Viver mais significa viver com intensidade, imbuindo cada momento de um significado próprio, ainda que transitório. Trata-se de uma vida marcada pela revolta constante, pela recusa em se submeter à indiferença do universo, e pela consciência de que, mesmo sem sentido último, a vida ainda pode ser plena.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa apresentada buscou analisar o conceito de Absurdo na filosofia de Albert Camus, com ênfase nas suas reflexões sobre o suicídio e a revolta como respostas à falta de sentido da vida. A investigação dos temas abordados em "O Mito de Sísifo" revelou que Camus rejeita tanto o suicídio literal quanto as "fugas metafísicas", defendendo que o reconhecimento do Absurdo deve levar à revolta consciente, em que o indivíduo afirma sua liberdade e escolhe viver intensamente no presente.

Os resultados confirmaram a hipótese de que, ao reconhecer a falta de propósito intrínseco no universo, o homem pode optar por viver de forma autêntica, sem recorrer a esperanças ilusórias. O estudo também atendeu ao objetivo de elucidar a importância da revolta como um ato de criação de sentido no presente, sustentando que o enfrentamento do Absurdo não leva ao desespero, mas à aceitação consciente da vida como ela é.

A revolta, que emerge desse confronto, é um ato consciente de recusa à submissão diante de um mundo indiferente. Ela não busca resolver o paradoxo do absurdo, mas sim viver plenamente dentro dele. Camus explora a descoberta dessa liberdade como uma consequência direta da aceitação do absurdo. Ao perceber que as explicações racionais e transcendentais não podem preencher o vazio existencial, o homem se liberta das amarras impostas por sistemas externos de sentido, sejam eles religiosos, morais ou sociais. A partir desse momento, ele adquire uma liberdade ampliada, uma liberdade que não é ilimitada, mas que lhe dá poder sobre o presente e sobre suas próprias escolhas. Camus afirma que essa liberdade, embora imbuída de incerteza, não é uma licença para o niilismo ou a indulgência desenfreada. Pelo contrário, ela exige responsabilidade e autenticidade. O homem absurdamente livre cria seu próprio caminho, estabelecendo uma ética que reflete sua revolta constante contra a indiferença do universo, sem esperar salvação ou redenção no futuro.

Portanto, ao invés de se render ao suicídio, que representaria uma derrota diante do absurdo, o homem encontra uma nova razão para continuar: viver mais intensamente, sem se preocupar em "viver melhor" ou encontrar respostas definitivas. Ele transforma sua revolta em um estilo de vida, onde o presente ganha um novo valor. Camus conclui que a grandeza da vida absurda reside justamente na capacidade de viver plenamente, consciente da ausência de um sentido último, mas imbuída de uma liberdade que possibilita o máximo de autenticidade e intensidade.

Dessa forma, a reflexão sobre o absurdo e a liberdade que Camus propõe nos oferece uma maneira de encarar a vida sem promessas de transcendência. O homem, ao aceitar sua condição, encontra na revolta e na liberdade absurdas não uma solução, mas uma forma legítima de existir, vivendo cada instante com plena consciência de sua finitude.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Pedro Israel Saraiva de. **Do Absurdo à revolta em Albert Camus**. 2018. 114 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

BONADIO, G B. **Imagem, Absurdo e Revolta em Albert Camus**. ARTEFILOSOFIA, n. 24, julho de 2018, p. 82-94.

BONADIO, G. B. **O pensamento em imagens: Filosofia e literatura na obra de Albert Camus**. (2019).

CAMUS, Albert. **O Mito de Sísifo**. 26. ed. Rio de Janeiro: Record, 2022. ISBN 978-65-5587-124-1.

LINS, R. de C. **Albert Camus: da angústia ao suicídio filosófico**. Revista Ciências da Religião - História e Sociedade, [S. l.], v. 14, n. 1, 2017. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cr/article/view/8357>. Acesso em: 18 set. 2024.

PIMENTA, D. R. **A criação absurda segundo Albert Camus**. 2010. 120 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2010.

SAMPAIO, L. V.. **Albert Camus e a recusa do suicídio em o mito de Sísifo**. Kalagatos, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 102–121, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/kalagatos/article/view/7201>. Acesso em: 18 set. 2024.